

Resíduos bíblicos na poesia colonial brasileira

Biblical residues in Brazilian colonial poetry

Jéssica Thais Loiola Soares¹
Francisco Roberto Silveira de Pontes Medeiros²

Resumo

O Diabo sempre foi alvo de inquietações, porque sua figura passou por muitas modificações no decorrer dos tempos. Tendo como base, em geral, o texto bíblico, a interpretação acerca do Diabo foi diferente em cada momento histórico. Porém, a noção de um mal, por vezes personificado na personagem do Diabo, mantém-se até os nossos dias. Nesta breve análise, deter-nos-emos sobre os resíduos do imaginário diabólico bíblico em torno da persuasão, desvinculados da ideologia maligna comumente relacionada com o Diabo, encontrados na poesia sacra de Gregório de Matos e em *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga, poetas do período colonial brasileiro. Para tanto, faremos uso da Teoria da Residualidade (PONTES, 1999), segundo a qual nada é original na cultura e na literatura, mas, pelo contrário, tudo remanesce de outros tempos e espaços. Assim, pretendemos demonstrar que a essência da persuasão diabólica bíblica, isto é, o resíduo, permanece, o que demonstra que as culturas e, especificamente, as literaturas, estão em contínuo processo de entrecruzamento.

Palavras-chave: Persuasão. Diabo. Residualidade.

Abstract

The Devil has always been the subject of concerns, because its figure has undergone many changes throughout the ages. Based, in general, on the biblical text, the interpretation of the

¹ Aluna do Programa de Pós-Graduação em Letras (mestrado) da Universidade Federal do Ceará.

² Professor associado III do Programa de Pós-Graduação em Letras (mestrado e doutorado) da Universidade Federal do Ceará, mestre em Literatura Brasileira pela referida instituição e doutor em Literatura Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Contatos: jessicathaisjt@hotmail.com; rpontes@ufc.br.

Devil was different in each historical moment. However, the notion of an evil, sometimes personified in the character of the Devil, remains to this day. In this brief analysis, we will focus on the residues of biblical devilish imagery around persuasion, separated from the evil ideology often associated with the Devil, found in the sacred poetry of Gregorio de Matos and in *Marília de Dirceu*, by Tomás Antônio Gonzaga, poets of the Brazilian colonial period. To do so, we will use the Theory of Residuality (PONTES, 1999), according to which nothing is unique in culture and literature, but rather, all remains of other times and spaces. Thus, we intend to demonstrate that the essence of the biblical devilish persuasion, in other words, the residue, remains, which shows that the cultures, and specifically the literature, are in continuous intertwining process.

Keywords: Persuasion. Devil. Residuality.

“O Diabo é a figura mais dramática da história da alma. A sua vida é a grande aventura do Mal. Foi ele que inventou os enfeites que enlanguescem a alma, e as armas que ensanguentam o corpo. E todavia, em certos momentos da história, o Diabo é o representante imenso do direito humano.”

(Eça de Queirós)

Introdução

O Diabo sempre foi alvo de grandes inquietações por parte dos estudiosos, porque sua figura sofreu muitas modificações no decorrer dos tempos. Tendo como base, em geral, o texto bíblico, a interpretação acerca do Diabo foi diferente em cada momento histórico. Porém, a noção de um mal, por vezes personificado na personagem do Diabo, mantém-se até os nossos dias.

Carlos Roberto F. Nogueira (2000), no livro *O Diabo no Imaginário Cristão*, percorre cronologicamente as diversas formas como o Diabo é encarado, segundo as sociedades cristãs. Primeiramente, na tradição hebraica, ele é personificado nos deuses das religiões estrangeiras. O Diabo aparece na mente das pessoas apenas posteriormente, a partir do relato bíblico de Jó, assumindo o caráter de acusador, de tentador e relacionando o mal com a dúvida. A partir do advento do cristianismo, o Diabo tornou-se uma figura institucionalizada e passou a ser a verdadeira causa de tudo aquilo que afasta os homens de Deus. Nesse período, através de uma relação com algumas crenças do judaísmo, o Diabo incorpora-se na serpente do Éden e assume a culpa do Pecado Original.

O Diabo passa, então, a dominar a mente das pessoas, aterrorizando-as, ficando a divulgação de tal terror a cargo da Igreja. Com o tempo, o “Reino de Satã” começa a vigorar, a ponto de surgirem seitas satânicas ao redor do mundo, como o ocultismo e as igrejas propriamente diabólicas, que existem hodiernamente. Percebemos, assim, que a figura do Diabo foi-se modificando com o passar dos tempos, mas o conceito de essência maligna permaneceu na mentalidade do ser humano, refletida de formas diferentes nos imaginários de cada época e de cada obra artística, se levarmos em consideração que as obras de arte refletem o imaginário de sua época.

Alguns doutores da Igreja discorreram também sobre o mal, a exemplo de Santo Tomás de Aquino, segundo o qual o mal moral é identificado com o pecado (FAITANIN, 2005). Ora, quem é o autor do Pecado Original e, portanto, de todos os males decorrentes dele? O próprio Satanás, como inferimos das interpretações bíblicas, embora a visão tomista discorde um pouco de tal personificação. Mas Santo Tomás de Aquino diz-nos em sua *Suma Teológica* que tomemos cuidado com o Diabo, porque ele é muito inteligente, conhece a fundo os seres humanos e seu poder é grandioso (NOGUEIRA, 2000).

Diante de um tema tão fecundo desde o início dos tempos, a literatura, qual manifestação artística, não poderia deixar de retratá-lo, afinal, a arte comporta os anseios dos povos, dentre os quais está a figura do Diabo como representação do Mal. Como mostra Roberto Pontes (s/d), no ensaio “O Diabo na Literatura”, o Diabo foi sempre amplamente representado na literatura universal de todos os povos. Entretanto, algumas vezes, foi representado indiretamente, através das características que adquiriu no decorrer dos tempos. Neste trabalho, esboçaremos acerca do discurso persuasivo que a personagem do Diabo emprega nos relatos bíblicos; discurso que pode ser encontrado posteriormente na poesia de Gregório de Matos e de Tomás Antônio Gonzaga – poetas do período colonial brasileiro –, embora de maneiras diferentes.

Não investigaremos elementos diabólicos para relacioná-los à discussão de seu aspecto dito maligno, daquele que leva ao pecado, mas observaremos a persuasão astuciosa e estratégica da fala do Diabo nas obras dos poetas mencionados. Fizemos um recorte da obra do poeta barroco, restringindo nossas análises à poesia sacra, como também recortamos a obra do poeta arcadista, trabalhando apenas com o conjunto de liras amorosas de *Marília de Dirceu* – recortes justificados em razão da maior incidência do discurso persuasivo.

Para este trabalho, usaremos como base a Teoria da Residualidade (PONTES, 1999), que busca apontar e explicar as remanescentes do modo de pensar de um determinado agrupamento social de um período de tempo específico em outro tempo diverso, tendo como base principal a literatura. Segundo a Teoria, em toda cultura, há elementos que pertenceram a culturas anteriores, ou seja, *resíduos* que refletem *imaginários* de determinado agrupamento social de um tempo preexistente, isto é, remanescem aspectos da forma de enxergar o mundo, de pensar, de sentir e de viver de um povo. *Resíduo* constitui o conceito primordial da Teoria da Residualidade. Segundo Roberto Pontes (2006, p. 8-9),

resíduos são aquilo que remanesce de uma época para outra e tem a força de criar de novo toda uma cultura, toda uma obra. O *resíduo* é dotado de extremo vigor. [...] O *resíduo* é aquilo que resta de alguma cultura. Mas não resta como material morto. Resta como material que tem vida, porque continua a ser valorizado e vai infundir vida numa obra nova. Essa é a grande importância do *resíduo* e da *residualidade*.

Ademais, ao falarmos em *imaginário*, estamos nos referindo ao conceito utilizado pelo historiador brasileiro Hilário Franco Júnior, em seu trabalho “O Fogo de Prometeu e o Escudo de Perseu. Reflexões sobre Mentalidade e Imaginário”, que segue os passos do historiador francês Jacques Le Goff, na terceira fase da *Écolle des Annalles*. Consoante Hilário Franco Júnior (2003, p. 105, 106),

os imaginários, formas próprias de os homens verem o mundo e a si mesmos, criam elos, geram e mantêm grupos, despertam consciência social. Ao expressar valores coletivos, os imaginários dão ao homem a sensação [...] de fazer parte de uma história.

De acordo com o mesmo autor, o imaginário “passa pelo filtro cultural do grupo cujos valores exprime” (FRANCO JÚNIOR, 2003, p. 102).

Ao longo do tempo, esses elementos remanescentes mesclam-se com elementos de outras culturas, processo chamado, na Teoria da Residualidade, de *hibridação cultural*. Em decorrência da hibridação, os elementos vão adquirindo novas roupagens, num processo constante de adaptação aos novos tempos e espaços – tal processo é chamado de *crystalização*.

Assim, nesta breve análise, deter-nos-emos sobre os resíduos do imaginário diabólico³ bíblico em torno da persuasão na poesia sacra de Gregório de Matos e em *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga. Lembrando sempre que os resíduos não são encontrados tais e quais eram em seu primeiro contexto, devido à hibridação entre as culturas e à cristalização.

Resíduos do Diabo na Literatura

Na *Bíblia*, o Diabo é, por vezes, retratado como um ser astuto, que utiliza maliciosamente a persuasão a fim de induzir seus destinatários a fazerem a sua vontade. Analisaremos três relatos bíblicos nos quais podemos perceber as estratégias persuasivas do Diabo.

O primeiro relato é o da tentação de Eva feita pela serpente, identificada posteriormente com o próprio Diabo: “Assim foi lançado para baixo o grande dragão, a serpente original, o chamado Diabo e Satanás, que está desencaminhando toda a terra habitada” (Revelação⁴ [Apocalipse] 12:9); “E ele se apoderou do dragão, a serpente original, que é o Diabo e Satanás” (Revelação [Apocalipse] 20:2). Vejamos a passagem em que o Diabo tenta induzir Eva a comer do fruto proibido:

Ora, a serpente mostrava ser o mais cauteloso dos animais selváticos do campo, que Jeová Deus havia feito. Assim, ela começou a dizer à mulher: “É realmente assim que Deus disse, que não deveis comer de toda árvore do jardim?” A isso a mulher disse à serpente: “Do fruto das árvores do jardim podemos comer. Mas, quanto [a comer] do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: ‘Não deveis comer dele, não, nem deveis tocar nele, para que não morrais.’” A isso a serpente disse à mulher: “Positivamente não morrereis. Porque Deus sabe que, no mesmo dia em que comerdes dele,

³ Não usamos, neste trabalho, o termo “diabólico” no sentido habitual, isto é, daquilo que é maligno. Nem pretendemos fazer qualquer referência entre o mal que o Diabo representa e a obra de Gregório de Matos ou Tomás Antônio Gonzaga. Porém, utilizamos a palavra “diabólico” como um adjetivo que se refere à personagem do Diabo, abordando, no caso, somente o seu discurso persuasivo patente nos relatos bíblicos, sem pôr em questão o caráter da bondade/maldade ou da moral.

⁴ Usamos, neste trabalho, a *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas*, em que o livro “Apocalipse” é intitulado de “Revelação” (de Deus ao apóstolo João).

forçosamente se abrirão os vossos olhos e forçosamente sereis como Deus, sabendo o que é bom e o que é mau.” (Gênesis 3:1-5)

Como podemos perceber, partindo da pergunta “É realmente assim que Deus disse?”, o Diabo faz Eva repensar. É um ser cauteloso, que, ao implantar, através de uma pergunta, a dúvida na mente de Eva, afirma peremptoriamente que Deus está mentindo. Conhecemos o restante do relato e sabemos, portanto, que o Diabo conseguiu enganar Eva, a qual, por sua vez, levou Adão ao engano, fazendo a humanidade inteira recair sob a insígnia do Pecado.

Vejam agora outra passagem bíblica, em que o Diabo persuade o próprio Soberano acerca da integridade de Jó:

Jeová disse então a Satanás: “Donde vens?” A isto respondeu Satanás a Jeová e disse: “De percorrer a terra e de andar nela.” E Jeová prosseguiu, dizendo a Satanás: “Fixaste teu coração no meu servo Jó, que não há ninguém igual a ele na terra, homem inculpe e reto, temendo a Deus e desviando-se do mal?” Então respondeu Satanás a Jeová e disse: “Acaso é por nada que Jó teme a Deus? Não puseste tu mesmo uma sebe em volta dele, e em volta da sua casa, e em volta de tudo o que ele tem? Abençoaste o trabalho das suas mãos, e o próprio gado dele se tem espalhado pela terra. Mas, ao invés disso, estende tua mão, por favor, e toca em tudo o que ele tem, [e vê] se não te amaldiçoará na tua própria face.” Por conseguinte, Jeová disse a Satanás: “Eis que tudo o que ele tem está na tua mão. Somente contra ele próprio não estendas a tua mão!” De modo que Satanás saiu de diante da pessoa de Jeová” (Jó 1:7-12).

Percebemos nessa passagem que, novamente através de perguntas, o Diabo (Satanás) argumenta com o próprio Jeová Deus, invertendo a questão da integridade de Jó e implantando na mente de Deus a dúvida em relação à motivação da obediência de seu servo. Desse modo, o Diabo, inicialmente, consegue atingir seu objetivo, pois recebe a permissão de Deus para retirar tudo o que Jó possui, com exceção de sua vida. Entretanto, sabemos, pelo relato bíblico, que Jó mantém-se íntegro, apesar das adversidades que o afligem.

Analisemos uma terceira passagem, na qual é patente o discurso persuasivo estratégico do Diabo para conseguir algo. Referimo-nos ao relato da tentação de Cristo no deserto:

Jesus foi então conduzido pelo espírito ao ermo, para ser tentado pelo Diabo. Depois de ter jejuado por quarenta dias e quarenta noites, ele teve fome. Veio também o Tentador e disse-lhe: “Se tu és filho de Deus, dize a estas pedras que se transformem em pães.” Mas ele disse em resposta: “Está escrito: ‘O homem tem de viver, não somente de pão, mas de cada pronúnciação procedente da boca de Jeová.’”

O Diabo levou-o então à cidade santa e o postou sobre o parapeito do templo, e disse-lhe: “Se tu és filho de Deus, lança-te para baixo; pois está escrito: ‘Dará aos teus anjos encargo concernente a ti, e eles te carregarão nas mãos, para que nunca batas com o pé contra uma pedra.’” Jesus disse-lhe: “Novamente está escrito: ‘Não deves pôr Jeová, teu Deus, à prova.’”

Novamente, o Diabo levou-o a um monte extraordinariamente alto e mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles, e disse-lhes: “Todas estas coisas te darei, se te prostrares e me fizeres um ato de adoração.” Jesus disse-lhe em resposta: “Vai-te, Satanás! Pois está escrito: ‘É a Jeová, teu Deus, que tens de adorar e é somente a ele que tens de prestar serviço sagrado.’” O Diabo deixou-o então, e eis que vieram anjos e começaram a ministrar-lhe (Mateus 4: 1-11).

Nesse relato, o Diabo utiliza uma verdade (“Se tu és filho de Deus”) para desafiar a Cristo, fazê-lo repensar e ceder à tentação. Satanás usa também a própria *Bíblia* para argumentar contra o Filho de Deus: “pois está escrito”. Entretanto, dessa vez, o Diabo não consegue atingir seu objetivo, pois Cristo recusa-se até o último minuto a adorar Satanás. Contudo, a *Bíblia* mostra-nos que este não desiste assim tão facilmente, pois o mesmo relato da tentação de Jesus, porém retratado pelo apóstolo Lucas (4:13), diz o seguinte ao final: “Assim, o Diabo, tendo terminado com toda a tentação, retirou-se *até outra ocasião conveniente*.” (grifo nosso).

Assim, percebemos que, na *Bíblia*, o Diabo tem um discurso astucioso, utilizando como estratégias perguntas, desafios e passagens da própria *Bíblia* para convencer o seu interlocutor e atingir os seus objetivos. Tudo isso compõe o imaginário bíblico do Diabo em torno da persuasão. Essa persuasão diabólica pode ser encontrada posteriormente na literatura, embora se refira a outros temas e tenha objetivos distintos.

É o caso de Gregório de Matos, poeta barroco brasileiro, cuja obra se envolve nas malhas do cultismo e do conceptismo oriundos do Barroco espanhol. O cultismo refere-se ao jogo com as palavras, levando a um estilo culto. O conceptismo, por sua vez, refere-se ao jogo com os conceitos, utilizando a reflexão para chegar a uma conclusão e atingir um objetivo. É no conceptismo da poesia sacra de Gregório de Matos, sobretudo, que percebemos resíduos da argumentação diabólica bíblica. O resíduo, segundo Raymond Williams (1979, p. 125),

foi efetivamente formado no passado, mas ainda está vivo no processo cultural, não só como um elemento do passado, mas como um elemento ativo do presente. Assim, certas experiências, significados e valores que não se podem expressar, ou verificar substancialmente, em termos da cultura dominante, ainda são vividos e praticados à base do resíduo – cultural bem como social – de uma instituição ou formação social e cultural anterior.

Pretendemos, assim, identificar elementos remanescentes – os resíduos – do discurso persuasivo do Diabo na poesia religiosa gregoriana. Para tanto, analisaremos três poemas do “Boca do Inferno”⁵:

A N. SENHORA DA MADRE DE DEOS INDO LÁ O POETA

Venho, Madre de Deus, ao Vosso monte,
E reverente em vosso altar sagrado,
Vendo o Menino em berço argenteado,
O sol vejo nascer desse Horizonte.

Oh quanto o verdadeiro Faetonte
Lusbel, e seu exército danado
Se irrita, de que um braço limitado
Exceda na soltura a Alcidemonte.

⁵ Grifo nosso. O “Boca do Inferno”, como o próprio nome denuncia, é uma alcunha que se refere à língua diabólica de Gregório de Matos, antecipando a nossa análise. Segundo Araripe Júnior (*apud* AMADO, 1999, p. 19, 20), “há versos de Gregório de Matos, infelizmente intraduzíveis, nos quais se topam situações e analogias de que só se lembraria um diabo passado por crivo de fios aristofanescos tramados com luxúria por mãos duma feiticeira.”

Quem vossa devoção não enriquece?
A virtude, Senhora, é muito rica,
E a virtude sem vós tudo empobrece.

Não me espanto, que quem vos sacrifica
Essa hóstia ao altar, que vos oferece,
Que vós o enriqueçais, se a vós a aplica.

O poeta fala a Nossa Senhora todos os sacrifícios que fez para ir ao Seu altar adorá-la e, depois, sugere sutilmente que ele merece riquezas, tratando de dois conceitos de riqueza: a espiritual e a material, como percebemos nos tercetos. Há, nesse poema, uma tentativa do poeta de convencer Nossa Senhora de que ele merece o Seu favor e grandes riquezas de todo tipo. Voltemos nossa atenção agora para o poema seguinte:

A CHRISTO S. N. CRUCIFICADO ESTANDO O POETA NA
ÚLTIMA HORA DE SUA VIDA

Meu Deus, que estais pendente em um madeiro,
Em cuja lei protesto de viver,
Em cuja santa lei hei de morrer
Animoso, constante, firme, e inteiro.

Neste lance, por ser o derradeiro,
Pois vejo a minha vida anoitecer,
É, meu Jesus, a hora de se ver
A brandura de um Pai manso Cordeiro.

Mui grande é vosso amor, e meu delito,
Porém pode ter fim todo o pecar,
E não o vosso amor, que é infinito.

Esta razão me obriga a confiar,
Que por mai que pequei, neste conflito
Espero em vosso amor de me salvar.

Fé, desespero e esperança diante da morte levam o poeta a orar a Deus, não para pedir a salvação, mas para dizer que já a espera, pois a tem como quase certa. Para tanto, utiliza argumentos bíblicos, objetivando deixar o “Pai manso Cordeiro” sem saída, assim como fez Satanás ao tentar Jesus no ermo: “Mui grande é vosso amor [...] // Esta razão me obriga a confiar [...].”

Por fim, analisemos mais um poema sacro de Gregório de Matos, continuação do anterior, no qual percebemos a forte persuasão do poeta, bem como a existência de um objetivo por trás dessa argumentação conceptista/diabólica:

AO MESMO ASSUMPTO E NA MESMA OCCASIÃO

Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado,
Da vossa piedade me despido,
Porque quanto mais tenho delinquido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vos irar tanto um pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido,
Que a mesma culpa, que vos há ofendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma ovelha perdida, e já cobrada
Glória tal, e prazer tão repentino
vos deu, como afirmais na Sacra História:

Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada
Cobrai-a, e não queirais, Pastor divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória.

Nesse poema, o eu lírico argumenta com o próprio Deus, mostrando-Lhe que, segundo a Sua Palavra, ele deve ser salvo, não havendo outra saída para o Altíssimo. Nesse processo de convencimento de Deus, o poeta fala sobre a Sua brandura, usando palavras do próprio Cristo para fortalecer os seus argumentos, como fez o Diabo ao tentar Jesus utilizando palavras da própria *Bíblia*. No caso do poema de Gregório de Matos, o trecho bíblico ao qual o poeta se refere está em Lucas 15:1-7:

Todos os cobradores de impostos e pecadores chegavam-se então perto [de Jesus] para o ouvirem. Consequentemente, tanto os fariseus como os escribas murmuravam, dizendo: “Este homem acolhe pecadores e come com eles.” Então [Jesus] lhes contou a seguinte ilustração, dizendo: “Que homem dentre vós, com cem ovelhas, perdendo uma delas, não deixa as noventa e nove atrás no ermo e vai em busca da perdida, até a achar? E quando a tiver achado, ele a põe sobre os seus ombros e se alegra. E, ao chegar à casa, convoca seus amigos e seus vizinhos, dizendo-lhes: ‘Alegrai-vos comigo, porque achei a minha ovelha que estava perdida.’ Eu vos digo que assim haverá mais alegria no céu por causa de um pecador que se arrepende, do que por causa de noventa e nove justos que não precisam de arrependimento. [...]”

Em “Ao mesmo assumpto e na mesma ocasião”, o poeta, fazendo referência à passagem bíblica citada, afirma que Deus (identificado com Cristo, segundo a doutrina católica da Trindade) precisa salvá-lo, para não perder a sua glória, como mostram as duas últimas estrofes. O poeta encurrala Deus, não deixando-Lhe outra saída a não ser a sua salvação.

Verificamos, então, nos poemas analisados, que a obra sacra de Gregório de Matos apresenta forte argumentação, astuciosa, tendenciosa, às vezes através de perguntas, e sempre com um objetivo. Esse jogo de ideias, uma das estratégias persuasivas do poeta baiano, ficou conhecido como conceptismo. Indo além de uma característica barroca, percebemos que esse discurso argumentativo apresenta elementos da persuasão própria do Diabo, segundo retratado na *Bíblia*. Dessa forma, trata-se de um resíduo diabólico na poesia sacra de Gregório de Matos.

Prosseguindo com nossa análise, passemos para o poeta Tomás Antônio Gonzaga, que, no Brasil do século XVIII, escreveu as liras de amor mais famosas de toda a história da literatura brasileira, reunidas na obra *Marília de Dirceu*. Integrando a estética arcáde, Gonzaga exaltava uma vida tranquila vivida pelos pastores Marília e Dirceu, pelo menos inicialmente. Após uma leitura mais atenta, o que percebemos no conjunto de liras são elementos contrários às doutrinas arcades, embora revestidos nos moldes do pastoralismo. Dentre tais elementos, podemos citar a exaltação amorosa, o intenso sofrimento de amor e um sutil, porém forte, discurso persuasivo, fazendo-nos lembrar das estratégias argumentativas já percebidas em Gregório de Matos, ambas remanescentes

da persuasão do Diabo na *Bíblia*. Embora de forma completamente diferente daquela empregada no texto bíblico, mantém-se o resíduo persuasivo.

Em *Marília de Dirceu*, o objetivo do discurso persuasivo do poeta Dirceu para com Marília é tocar-lhe o coração, conquistá-la. Em outra perspectiva, o tema nesse momento não é mais sacro, como na *Bíblia* e nos poemas analisados de Gregório de Matos, mas o resíduo da persuasão permaneceu ativo. Afinal, muito tempo se passou entre a escritura do texto bíblico e o Arcadismo brasileiro, modificando-se inclusive o espaço, e, como vimos, as culturas mesclam-se umas com as outras, hibridizando-se e adaptando-se ao novo contexto, como explica Roberto Pontes (2006, p. 5-6):

Hibridação cultural é expressão usada para explicar que as culturas não andam cada qual por um caminho, sem contato com as outras. Ou seja, não percorrem veredas que vão numa única direção. São rumos convergentes. São caminhos que se encontram, se fecundam, se multiplicam, proliferam. A *hibridação cultural* se nutre do conceito de hibridismo comum à mitologia. Que é um ser híbrido? É aquele composto de materiais de natureza diversa.

Vejamos algumas passagens da obra *Marília de Dirceu* para comprovarmos nossas afirmações:

Marília, de que te queixas?

De que te roubou Dirceu

O sincero coração?

Não te deu também o seu?

E tu, Marília, primeiro

Não lhe lançaste o grilhão?

Todos amam: só Marília

Desta Lei da Natureza

Queria ter isenção?

Em torno das castas pombas,

Não rulam ternos pombinhos?

E rulam, Marília, em vão?

Não se afaçam c'os biquinhos?

E a prova de mais ternura

Não os arrasta a paixão?

Todos amam: só Marília
Desta Lei da Natureza
Queria ter isenção?

[...]

As grandes Deusas do Céu
Sentem a seta tirana
Da amorosa inclinação.
Diana, com ser Diana,
Não se abrasa, não suspira
Pelo amor de Endimião?
Todos amam: só Marília
Desta Lei da Natureza
Queria ter isenção?

Desiste, Marília bela,
De uma queixa sustentada
Só na altiva opinião.
Esta chama é inspirada
Pelo Céu; pois nela assenta
A nossa conservação.
Todos amam: só Marília
Desta Lei da Natureza
Não deve ter isenção.
(Lira VIII, parte 1)

Nessa lira, o poeta persuade Marília através de perguntas, tentando convencê-la de que ela também pode sentir amor, transformando a pergunta em afirmação ao final do poema. É interessante observarmos que, por tratar-se de uma obra árcade, *Marília de Dirceu* apresenta elementos da mitologia greco-latina, seguindo a estética neoclássica. Esses traços pagãos, porém, não inviabilizam a nossa comparação entre a obra e o discurso persuasivo do Diabo na *Bíblia*. Isso porque, como mencionado anteriormente, as culturas entram em contato umas com as outras e, dessa forma, hibridizam-se mutuamente, adquirindo características antes inexistentes.

Todavia, no caso abordado, a essência do imaginário diabólico presente no texto bíblico, isto é, o resíduo da persuasão do Diabo na *Bíblia* permanece, embora com uma nova roupagem. É o processo da cristalização, conforme explicou Roberto Pontes (2006, p. 9): “A gente apanha aquele remanescente dotado de força viva e constrói uma nova obra com mais força ainda, na temática e na forma. É aí que se dá o processo de *cristalização*.”

Observemos outros trechos de *Marília de Dirceu*, nos quais percebemos também resíduos desse imaginário diabólico de que estamos tratando:

Alexandre, Marília, qual o rio,
Que engrossando no inverno tudo arrasa,
 Na frente das coortes
 Cerca, vence, abrasa
 As cidades mais fortes.
Foi na glória das armas o primeiro;
Morreu na flor dos anos, e já tinha
 Vencido o mundo inteiro.

Mas este bom soldado, cujo nome
Não há poder algum, que não abata,
 Foi, Marília, somente
 Um ditoso pirata,
 Um salteador valente.
Se não tem uma fama baixa, e escura,
Foi por se pôr ao lado da injustiça
 A insolente ventura.

O grande César, cujo nome voa,
À sua mesma Pátria a fê quebranta;
 Na mão a espada toma,
 Oprime-lhe a garganta,
 Dá Senhores a Roma.
Consegue ser herói por um delito;
Se acaso não vencesse, então seria
 Um vil traidor proscrito.

[...]

Eu é que sou herói, Marília bela,
Segundo da virtude a honrosa estrada:
 Ganhei, ganhei um trono,
 Ah! não manchei a espada,
 Não roubei ao dono.
Ergui-o no teu peito, e nos teus braços:
E valem muito mais que o mundo inteiro
 Uns tão ditosos laços.

[...]

Eu vivo, minha Bela, sim, eu vivo
Nos braços do descanso, e mais do gosto:
 Quando estou acordado
 Contemplo no teu rosto
 De graças adornado:
Se durmo, logo sonho, e ali te vejo.
Ah! nem desperto, nem dormindo sobe
 A mais o meu desejo.
(Lira XXVII, parte 1)

A estratégia de Dirceu para convencer Marília de seu amor é retomar vários relatos históricos, mostrando que o seu amor é maior do que tudo, por conferir intensidade às suas palavras, através das comparações com heróis e feitos grandiosos da História. Lembremos que o objetivo de Dirceu não é levar Marília à realização de um amor considerado pecaminoso e carnal, de acordo com os preceitos bíblicos, mas sim conquistar o amor puro da pastora.

Observemos mais um excerto de *Marília de Dirceu* para continuarmos demonstrando o discurso persuasivo presente no poema e sua consequente semelhança com a argumentação do Diabo na *Bíblia*:

Sucede, Marília bela,
À medonha noite o dia;
A estação chuvosa e fria

À quente seca estação.
Muda-se a sorte dos tempos;
Só a minha sorte não?

[...]

Nenhum dos homens conserva
Alegre sempre o seu rosto;
Depois das penas vem gosto,
Depois de gosto aflição.
Muda-se a sorte dos homens;
Só a minha sorte não?

Aos altos Deuses moveram
Soberbos Gigantes guerra;
No mais tempos o Céu, e a Terra
Lhes tributa adoração.
Muda-se a sorte dos Deuses;
Só a minha sorte não?

[...]

O tempo, ó Bela, que gasta
Os troncos, pedras, e o cobre,
O véu rompe, com que encobre
À verdade a vil traição.
Muda-se a sorte de tudo;
Só a minha sorte não?

Qual eu sou, verá o mundo;
Mais me dará do que eu tinha,
Tornarei a ver-te minha;
Que feliz consolação!
Não há de tudo mudar-se;
Só a minha sorte não.

(Lira III, parte 2)

Nesses versos, o poeta utiliza a estratégia da comparação com fatos irrefutáveis, seguida da utilização de perguntas, como podemos perceber na estrutura de todas as estrofes. O objetivo de Dirceu é conquistar Marília e relatar a ela sua dor de amor. Ao final, sua indagação transmuta-se novamente em afirmação e, assim, ele chega a uma conclusão: “Não há de tudo mudar-se; / Só a minha sorte não.” Essa galantaria tão frequente em Dirceu também pode ser encontrada no Diabo, como depreendemos das seguintes palavras de Alberto Cousté (1997, p. 58):

Giovanni Papini, [...] citando fontes trovadorescas medievais, afirma que o Diabo é bom conversador, sabe escutar e costuma ser gentil e até galante em suas réplicas. Fascinado pelo modelo do homem, mas tendo sobre ele a vantagem da eternidade, parece lógico que a arte da boa conversa encante ao Tentador.

É exatamente o que encontramos no pastor Dirceu ao se dirigir a Marília: um homem galanteador e bom conversador, com o claro objetivo de conquistar a jovem pastora, sem más intenções, de acordo com o poema. Se compararmos essa característica diabólica encontrada em Dirceu com os relatos bíblicos das argumentações do Diabo, analisados em seção anterior, perceberemos que Satanás é sempre educado, gentil e sedutor com as palavras, mesmo quando desafia, afinal, ele quer conquistar o interlocutor e levá-lo a realizar a sua vontade.

Assim, verificamos que *Marília de Dirceu* apresenta resíduos da persuasão do Diabo na *Bíblia*. Claro que esse elemento não permaneceu da mesma forma, afinal, estamos tratando de tempo e espaço distintos. As estratégias persuasivas de Dirceu giram em torno do amor e são revestidas de uma aura pastoral. Mas a astúcia, a sagacidade, a tentativa de convencimento e de atingir um objetivo, o uso de perguntas, comparações e conclusões nos remete, em essência, aos relatos de astuta persuasão do Diabo na *Bíblia*.

Considerações finais

Diante do exposto, percebemos que, na *Bíblia*, o Diabo é apresentado como o Tentador, aquele que utiliza estratégias argumentativas a fim de convencer o interlocutor a realizar a vontade satânica. Ele usa perguntas, o próprio conhecimento bíblico, a implantação da dúvida e tudo o mais que lhe for necessário para atingir os seus objetivos. Esses elementos compõem o

imaginário do Diabo na *Bíblia*. Posteriormente, encontramos resíduos desse imaginário na poesia sacra de Gregório de Matos, na qual o poeta usa os mesmos artifícios diabólicos citados para convencer o próprio Deus a aceitar suas ideias. Ademais, verificamos resíduos semelhantes em *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga, em que o galanteador Dirceu persuade Marília com o objetivo de conquistá-la e tê-la perto de si.

Percebemos, assim, que, em ambos os casos, trata-se de um novo contexto, com novos motivos e roupagens. Porém, a visão bíblica de uma essência diabólica – isto é, o resíduo – permanece, demonstrando que as culturas e, especificamente, as literaturas estão em contínuo processo de entrecruzamento.

Referências

AMADO, J. A foto proibida há 300 anos. In: MATOS, Gregório de. *Crônica do viver baiano seiscentista*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999. v. 1. p. 17-25.

COUSTÉ, A. *Biografia do diabo: o diabo como a sombra de Deus na história*. Tradução Luca Albuquerque. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

FAITANIN, P. O mal, perda do bem. In: AQUINO, Santo Tomás de. *Sobre o mal*. Tradução Carlos Ancêde Nougé. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2005. p. i-xxxvi.

FRANCO JÚNIOR, H. O fogo de Prometeu e o escudo de Perseu: reflexões sobre mentalidade e imaginário. *Signum: Homenagem a Jacques Le Goff*. São Paulo, n. 5, p. 73-115, 2003. Edição especial.

GONZAGA, T. A. *Marília de Dirceu*. Rio de Janeiro: ABC, 2004.

MARTINS, E. D. *Sanção e metamorfose no cordel nordestino: resíduos do imaginário cristão medieval ibero-português*. In: ENCONTRO BRASILEIRO DE PROFESSORES DE LITERATURA PORTUGUESA, 19., 2003, Curitiba. *Anais...* Curitiba: UFPR, 2003. p. 304-311.

MATOS, G. de. *Crônica do viver baiano seiscentista*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999. v. 1.

NOGUEIRA, C. R. F. *O Diabo no imaginário cristão*. Bauru: Edusc, 2000.

PONTES, R. O diabo na literatura. *Revista Brasileira de Literatura Fantástica*

do *GRELFA*. Disponível em: <<http://www.literaturafantastica.pro.br/v2/index.php/literatura/teoria-do-fantastico-e-do-sobrenatural/ensaios-artigos/72-ensaio-iii.html>>. Acesso em: 11 jul. 2013.

PONTES, R. *Entrevista sobre a Teoria da Residualidade, com Roberto Pontes, concedida à Rubenita Moreira, em 05/06/06*. Fortaleza, 2006. Mimeografado.

PONTES, R. *Lindes disciplinares da teoria da residualidade*. Fortaleza, [2006?]. Mimeografado.

PONTES, R. *Poesia insubmissa afrobrasilusa*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor; Fortaleza: EUFC, 1999.

PONTES, R. Residualidade e mentalidade trovadorescas no *Romance de Clara Menina*. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS MEDIEVAIS, 3., 1999, Rio de Janeiro. *Atas...* Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2001. p. 513-516.

PONTES, R. *O viés afrobrasiluso e as literaturas africanas de língua portuguesa*. Conferência proferida no II Encontro de Professores Africanos de Língua Portuguesa na USP, São Paulo, 2003. p. 56-67.

QUEIRÓS, Eça de. O senhor diabo. In: _____. *Prosas bárbaras*. Porto: Lello e Irmãos, 1945. p. 631-639.

SPINA, S. Gregório de Matos. In: COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria. *A literatura no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Global, 2004. p. 114-125.

TRADUÇÃO do novo mundo das escrituras sagradas. São Paulo: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1986.

WILLIAMS, R. Dominante, residual e emergente. In: _____. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 124-129.

Data da submissão: 26/02/2014

Data do aceite: 02/05/2014